SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato. (Orgs.). *Sul de Minas em transição: a formação do Capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru, SP: Edusc, 2012, 368 p.

Natânia Silva Ferreira *
Mestranda em História
Universidade de São Paulo

● **Enviado em: 13/10/2016**
● **Aprovado em: 06/12/2016**

O nascimento e desenvolvimento do capitalismo dentro das regiões de um mesmo país ocorrem de forma distinta. Por mais que façam parte de uma mesma nação, as localidades específicas do todo não contam com formações históricas e econômicas idênticas. Nesse sentido, em "Sul de Minas em transição: a formação do Capitalismo na passagem para o século XX" os autores se dedicaram à análise da constituição do capitalismo numa região específica de Minas Gerais.

Na apresentação do livro – dividido em Introdução e mais duas partes, que compreendem no total dez capítulos – os organizadores demonstraram que o objetivo foi recuperar uma antiga temática da historiografia brasileira (a discussão sobre a formação do capitalismo) para analisar novo objeto de pesquisa (o Sul de Minas da passagem do século XIX para o século XX).

Estudos para o Sul de Minas Gerais são em número considerável para o período que vai até a primeira metade do século XIX, devido, sobretudo, a importância da atividade de abastecimento, já que o Sul mineiro participava do abastecimento da Corte, especialmente na primeira metade do novecentos. Entretanto, estudos para fins do século XIX e inícios do século XX tomaram maior fôlego com o lançamento do livro organizado por Alexandre Macchione Saes e Marcos Lobato Martins.

A transição do século XIX para o século XX foi um período de transformações econômicas e urbanização para o Brasil como um todo, mas cada região brasileira possuía como base diferentes atividades ligadas à terra que, de certa forma, auxiliavam no processo de crescimento das economias regionais: se no Norte do país, um episódio da história econômica do Amazonas (especialmente em Manaus) e do Pará (sobretudo em Belém), contaria com a

* Mestranda do Programa de História Econômica da FFLCH-USP / Bolsista CAPES.
Email: natania.silvaferreira@yahoo.com.br

borracha como um bem fundamental que possibilitaria o crescimento das regiões; no Nordeste, a produção de cacau permitiu que na Bahia se desenvolvesse economia de exportação específica do estado; na mesma época, a pecuária se expandia no Rio Grande do Sul; e, no Sudeste do Brasil, o café fazia riqueza em São Paulo, mas se estendendo a produção e exportação do produto também para Minas Gerais.

No período, e principalmente em inícios do século XX, o Sul de Minas passava por uma dinamização econômica e social: a formação do capitalismo na região faria com que sua antiga função (servir, sobretudo, ao abastecimento da Corte) dividisse espaço com uma função nova (a gestação da atividade exportadora) graças ao gradual desenvolvimento da cafeicultura.

Assim, na Introdução do livro, Alexandre Macchione Saes, Daniel do Val Cosentino e Thiago Fontelas Rosado Gambi procuraram discutir duas questões que estariam presentes nos capítulos: O que era o Sul de Minas? O que era a transição?

O Sul de Minas (da transição para o século XX) era uma região que passava por um processo de urbanização específico, com o gradativo aumento de pessoas nas áreas urbanas, o crescimento do número de casas comerciais, a chegada das ferrovias e das instituições bancárias e, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, o fortalecimento da economia cafeeira.

A transição no Sul de Minas era "uma transição para a sociedade capitalista, em que as relações sociais e econômicas seriam cada vez mais impostas pelas regras do mercado, mercado esse capitalista"[1]. Entretanto, a consolidação do capitalismo, com elementos próprios do sistema, ou seja, a concretização do trabalho assalariado, o fortalecimento de um processo de industrialização e de toda uma infraestrutura necessária, avançaria por caminhos próprios:

> Em parte por esse flerte da economia tanto com as atividades de abastecimento como com o setor exportador; em parte pela fragmentação da economia em diversos municípios médios, com variadas e pequenas indústrias, e numerosos bancos com atuação local; e, ainda, possivelmente com uma capacidade de acumulação reduzida em comparação com outras regiões de Minas, ou mesmo do país[2].

A primeira parte de "Sul de Minas em transição: a formação do Capitalismo na passagem para o século XX" se voltou para a "emergência político-econômica do Sul de Minas Gerais", de acontecimentos da história econômica sul-mineira que iam desde meados do XIX até o início da década de 90 daquele século. A segunda parte do livro, denominada "Sul de

1 SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato. (Orgs.). *Sul de Minas em transição: a formação do Capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru, SP: Edusc, 2012, p. 36.

2 Idem.

Minas em transição", trouxe estudos sobre o processo de transformação da história e economia sul-mineiras, que foram dos fins do século XIX até a década de 60 do século XX. Se na primeira parte o objetivo foi a compreensão da construção do Sul de Minas Gerais como local estratégico dentro da província na segunda metade do século XIX, na outra parte do livro se objetivou abordar o perfil do processo de urbanização regional.

No primeiro artigo, "Regionalismo político no Sul de Minas Gerais: notas sobre o movimento separatista de 1892", Pérola Maria de Goldfeder e Castro discutiu a história política do Sul mineiro, ao tratar do movimento de natureza separatista que durou de janeiro a março e 1892 e reivindicava um Estado autônomo, o Minas do Sul. Com o movimento, a hipótese da autora é a de que houve alteração do papel da cidade de Campanha (a principal cidade do Sul de Minas Gerais no século XIX) no setor político estadual e regional, com a redefinição dos centros urbanos da região sul-mineira. Na época do movimento separatista, por exemplo, Varginha e outras cidades da localidade passaram por ascensão econômica.

Rodrigo Fontanari, no artigo "Rompendo as fronteiras: a marcha de abastecimento sul-mineira rumo ao território paulista (Casa Branca no meio século 19)" escreveu sobre a economia de abastecimento do Sul de Minas Gerais em direção à província de São Paulo, constatando que as relações do Sul de Minas não eram apenas referentes ao abastecimento da Corte. No terceiro texto do livro, "Articulações regionais e dinâmica mercantil: Gervásio Pereira Alvim e o comércio na Comarca do Rio das Mortes (1840-1880)", Paula Chaves Teixeira destacou os amplos negócios comerciais do fazendeiro dentro da Comarca e na praça carioca. Por meio desses dois artigos, é possível notar a importância da atividade de abastecimento no Sul mineiro, tanto em direção ao Rio de Janeiro, como em direção a São Paulo.

Minas Gerais foi uma das províncias que mais escravos recebeu no Brasil e, sendo assim, "O debate sobre o trabalho escravo, o abolicionismo e o trabalho livre no Sul de Minas (décadas de 1870-1880)", de Mariana Selena Gregatti de Noronha e Marcos Lobato Martins, concentrou-se nas particularidades do processo de escravidão local. Sobre o fim da escravidão, os autores escreveram que os jornais sul-mineiros acreditavam que o processo deveria ocorrer de forma paulatina, "pela via parlamentar, como resultado do convencimento progressivo da sociedade de que o cativeiro era instituição que obstaculizava o avanço do País rumo à civilização e ao progresso material e moral"[3]. Quanto à substituição do trabalho escravo pelo livre, a sociedade sul-mineira defendia que o trabalhador livre nacional seria

[3] SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato. (Orgs.). *Sul de Minas em transição: a formação do Capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru, SP: Edusc, 2012, p. 147.

mais útil que o imigrante, tanto para o trabalho nas fazendas, como nas pequenas fábricas em formação. Em relação aos ex-escravos, jornais de Campanha, Itajubá e Pouso Alegre não acreditavam em sua utilidade, pois o longo período de trabalho forçado "teria retirado deles as qualidades humanas necessárias ao convívio ordeiro e harmonioso com as famílias proprietárias"[4]. O futuro dos que antes eram cativos, conforme pensava a imprensa, seria depois a marginalização social.

Para terminar a primeira parte do livro, Marcos Lobato Martins e André Silva de Souza escreveram "Notas sobre as propriedades rurais de Alfenas, MG: décadas de 1860-1880". Os autores analisaram a passagem da agricultura de abastecimento para a cafeicultura, se dedicando à discussão de como ocorreu a introdução do café no Sul de Minas, mas observando que o produto não estava dentre os principais artigos de comercialização e exportação na cidade de Alfenas. Além disso, o texto descreveu as atividades econômicas de alfenenses no período, voltadas não apenas para agropecuária, mas também para os ramos comercial, industrial e de serviços. Nas propriedades rurais de Alfenas de fins do século XIX, os autores mostraram que os escravos estavam entre os maiores investimentos da elite.

A primeira parte do livro foi direcionada, então, para o Sul de Minas de antes da virada do século XIX para o XX. Já os capítulos da segunda parte trataram de elementos da passagem de um século ao outro que, de certa forma, auxiliaram na formação e evolução do capitalismo, por possibilitarem maior dinamização do sistema.

No primeiro artigo da segunda parte, "Tem café nesse trem? As ferrovias no Sul de Minas Gerais (1874-1910)", Marcel Pereira da Silva começou discutindo a importância da ferrovia para o processo de modernização econômica: mais que transportar pessoas, as estradas de ferro serviam, especialmente, para o transporte de mercadorias. O autor discorreu sobre a chegada das empresas ferroviárias na região do Sul mineiro e, por meio dos dados analisados, mostrou que não apenas café, as ferrovias transportaram, dentre outros, sal, toucinho, fumo, açúcar, alcoólicos, cerais e animais na passagem do XIX para o XX. Para além do transporte terrestre, o artigo "Uma história da navegação a vapor no Sul de Minas (1880-1960)", de Marcos Lobato Martins deu ênfase à navegação fluvial nas bacias de dois rios mineiros, o Rio Grande e o Rio Sapucaí. Todavia, aqueles projetos não se desenvolveram como os ferroviários, porque as empresas de navegação atuaram de forma limitada e as ferrovias pareciam ser mais viáveis que o transporte fluvial.

[4] Ibidem, p. 148.

O terceiro artigo da segunda parte do livro, "Mercado Pontual: atuação estatal na formação da Feira de Gado de Três Corações (1900-1920)", de Alexandre Macchione Saes e Elton Rodrigo Rosa, analisou o comércio de gado em Minas Gerais no século XIX e início do XX e o nascimento da Feira de Gado de Três Corações. Nas primeiras décadas do século XX, a cidade se tornava o maior centro de distribuição de gado da América Latina, mas com o passar do tempo perdeu mercado para a produção argentina e do Rio Grande do Sul, que modernizavam seus negócios. Segundo os autores, a pecuária em Minas Gerais, apesar de ter tomado proporções representativas no período da Segunda Guerra Mundial, não conseguiu incorporar os aspectos modernos vistos nas produções vizinhas, como de São Paulo.

O processo de urbanização pelo qual as cidades brasileiras passavam na transição para o século XX não deixava de lado a valorização das paisagens naturais. O tema foi abordado em "Medicina entre flores na *Belle Époque* do Sul mineiro: os jardins paisagísticos nas cidades das águas", de Cristiane Maria Magalhães. Primeiramente, a autora discutiu a conexão entre urbanização e exploração das fontes hidrominerais das cidades de Caxambu, Poços de Caldas, Lambari, Cambuquira e São Lourenço. Depois, por um lado, a autora ressaltou a característica de *cidades de cura*[5] na região sul-mineira e por outro lado, destacou os jardins paisagísticos como importantes elementos de embelezamento das cidades.

Finalmente, o último artigo do livro, "Expansão bancária no Sul de Minas em transição (1889-1930)", de Thiago Fontelas Rosado Gambi, apresentou características gerais da expansão bancária no Sul mineiro. No artigo, o autor analisou a criação dos bancos em Minas Gerais, destacando o Sul, a Zona da Mata e Belo Horizonte, tendo dado ênfase, no Sul de Minas, para as localidades de Varginha, Guaxupé e Pouso Alegre. Segundo o autor, foi possível sugerir uma correlação entre café e bancos na região sul-mineira. "Contudo, é preciso aprofundar os estudos nesse sentido, a fim de confirmar tal correlação e verificar que tipo de relação era mantida pelos dois setores, por meio de documentação específica de cada banco em cada localidade"[6].

Os capítulos de "Sul de Minas em transição: a formação do Capitalismo na passagem para o século XX" se dedicaram tanto ao entendimento das transformações econômicas ocorridas no Sul de Minas como região homogênea, quanto considerando particularidades de determinadas cidades. Para isso, os autores utilizaram volumosa quantidade de fontes primárias sobre o Sul de Minas Gerais: registros de fazendas e de empresas, documentação

5 Cidades que possuíam águas com capacidades de curar enfermidades.

6 SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato. (Orgs.). *Sul de Minas em transição: a formação do Capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru, SP: Edusc, 2012, p. 329.

das companhias de estradas de ferro, relatórios de presidentes da província de Minas Gerais, inventários *post-mortem* e jornais da época, dentre outros.

Assim podem ser destacados dois pontos relevantes do livro, primeiro, o de aprofundar os estudos de história econômica e de formação do capitalismo numa parte específica de Minas Gerais e, segundo, para o cumprimento do objetivo da coletânea, o uso de vasta documentação primária. Sem dúvida, os autores conseguiram contribuir para o debate da formação do capitalismo brasileiro, ao destacar as particularidades do Sul mineiro.

No entanto, questão que talvez merecesse maior ponderação seja a de comparações feitas com São Paulo, como a relacionada ao avanço econômico de Minas Gerais, em que se escreveu: "devemos buscar essas causas nas condições materiais de produção, que, frente àquelas de São Paulo, se mostraram limitadas"[7]. Ora, no caso do capitalismo brasileiro, São Paulo (principalmente a cidade de São Paulo) não era e ainda não é a regra, mas sim a exceção e, dessa forma, não se constitui um modelo a ser seguido. Dentro do todo brasileiro, as partes, ou seja, as províncias e depois estados, apresentaram formações históricas, sociais e econômicas distintas. A tentativa de compreensão das partes é sem dúvida importante, mas a comparação não cuidadosa dessas partes com uma outra que, embora dentro do mesmo conjunto, se destoa tanto das demais, pode ser bastante questionável.

[7] Ibidem, p. 264.